

Capítulo VII – Desafios de dimensão planetária. Da Sociedade de Risco à Sociedade de Risco Global: Vinte anos depois.

§ 1. Um só Mundo: uma comunidade única de destino na Sociedade de Risco Global.

As duas décadas que medeiam a aparição da primeira obra de Beck, *Risk Society*, isto é, desde 1986 até ao momento presente, foram dominadas por acontecimentos marcantes que produziram alterações nas coordenadas da percepção do mundo em que vivemos.

A começar pela ciência e pela tecnologia, as sucessivas inovações nestes dois domínios continuam a modelar de forma cada vez mais incisiva e abrangente as mais diversas esferas da nossa existência quotidiana e a sua influência amplia-se a um cada vez maior número de domínios: desde o campo das tecnologias de informação às mais recentes descobertas nas áreas da engenharia genética e da biologia molecular, a ciência e a tecnologia permitem hoje a concretização efectiva de cenários outrora apenas possíveis no domínio ficcional¹.

O descrédito das instituições políticas e a desconfiança dos cidadãos face à forma como estas actuam não cessa de aumentar. O desinteresse e o divórcio entre agentes políticos e cidadãos nunca foram tão profundos como neste início de século XXI, o que se traduz num **défice** de participação política por parte do cidadão comum e provoca uma crise no seio do sistema democrático².

A velocidade vertiginosa a que se sucedem os acontecimentos no mundo actual e a aproximação entre pontos do globo outrora distantes, motivada pelo espantoso progresso das tecnologias de informação, fazem-nos subscrever a tese asseverada por Peter Singer, pensador ligado ao domínio da ética aplicada, numa obra recente em que

¹ Chegando-se já a falar em expressões que nos remetem de imediato para cenários de ficção científica como **futuro pós-humano** ou **transhumano**. Espelho disto é o conceito de **transhumanismo** criado pelo biólogo Julian Huxley, em 1957. Tentando resumir sucintamente o conceito de transhumanismo, podemos dizer que este defende o uso da ciência e da tecnologia não só para melhorar as potencialidades mentais e físicas do ser humano como também para ultrapassar os aspectos indesejáveis da condição humana como as doenças ou o envelhecimento e, eventualmente, a própria morte. Para uma elucidação mais ampla do transhumanismo veja-se o artigo de Nick Bostrom, “A History of Transhumanist Thought”, datado de 2005.

² Veja-se, por exemplo, o impasse institucional em que a União Europeia tem vivido nos últimos anos. O não à Constituição Europeia que franceses e holandeses disseram no referendo de 2005 colocou a Europa num beco sem saída e demonstra bem a clivagem existente entre políticos e cidadão comum. Voltaremos a este tema na segunda parte da nossa investigação.

procura um reposicionamento da ética em consonância com a globalização: devido a acontecimentos cuja amplitude é planetária, vivemos integrados numa **comunidade de destino global**, interdependentes **num só mundo**³.

De acordo com Beck, também a crescente proliferação de desastres ambientais e tecnológicos tem a capacidade de tornar a humanidade numa **comunidade única de destino**, devido a sermos todos potenciais vítimas por igual dos seus efeitos. A comunidade de classes da sociedade industrial foi substituída por uma comunidade onde predominam o medo e a ansiedade, na qual estamos globalmente implicados⁴.

Perante estes acontecimentos, vinte de anos depois da publicação de *Risk Society*, a proclamação é feita pelo próprio Ulrich Beck: a Sociedade de Risco tornou-se, em definitivo e mais do que nunca devido à amplitude geográfica de acontecimentos recentes, uma **Sociedade de Risco Global**⁵. A globalização económica e o aumento do potencial ameaçador dos riscos da Modernidade aproximam o pensamento de Beck da posição defendida por Peter Singer .

Neste capítulo pretendemos evocar alguns dos desafios que, pela sua premência e actualidade, marcam o momento que atravessamos e que ilustram bem o conceito de Sociedade de Risco Global: a revolução das tecnologias de informação ocorrida na década de 1990, o terrorismo global e a certeza, já por demais inequívoca, da responsabilidade da intervenção humana na aceleração do fenómeno das alterações climáticas e do aquecimento global.

§ 2. A Sociedade em Rede: Manuel Castells e a *Era da Informação*.

A evolução das tecnologias de informação ocorrida nos últimos anos, além de representar uma das maiores conquistas do projecto tecnocientífico, produziu alterações em todas as esferas da sociedade contemporânea, sendo praticamente impossível conceber a existência humana sem escapar à sua influência.

Um dos conceitos que melhor retrata uma sociedade profundamente marcada pela tecnologia é o conceito de **sociedade em rede**, formulado pelo sociólogo Manuel Castells num densíssimo estudo em três volumes dedicado ao tema, *A Era da*

³ Peter Singer, *Um só mundo – A ética da globalização*, p.33.

⁴ Beck, *Risk Society*, p.49.

⁵ «Risk society, fully thought through, means world risk society». Beck, “World Risk Society as Cosmopolitan Society? Ecological Questions in a Framework of Manufactured Uncertainties” in *World Risk Society*, p.19.

*Informação*⁶, em que analisa as alterações provocadas na sociedade contemporânea pela recente evolução das tecnologias de informação nas duas últimas décadas. Aqui, como é óbvio, limitamo-nos a enunciar algumas das principais ideias do autor com relevo para o contexto da Sociedade de Risco Global.

Assim, segundo Castells,

«Uma revolução tecnológica, centrada nas tecnologias de informação, começou a remodelar, de forma acelerada, a base material da nossa sociedade»⁷.

Esta revolução que, de acordo com Castells, se difundiu num período de reestruturação global do capitalismo⁸, transformou o sistema económico, provocando a sua interdependência global e alterou também a natureza da relação entre Estado e sociedade⁹, bem como dos próprios actores do sistema político, dependentes do nível de exposição que têm nos meios de comunicação de massas.

A emergência de redes interactivas de computadores ligados à internet, além de terem implicações significativas na estrutura da identidade pessoal do ser humano, que se está a tornar a principal referência e fonte de sentido na nossa época histórica¹⁰, produziu um impacte mais amplo. A internet veio alterar por completo a base da esfera comunicacional do indivíduo,

«[...] criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela»¹¹.

Ou seja, actualmente a vida humana, nos seus mais variados âmbitos, está singular e crescentemente dependente da adaptação do ser humano às regras ditadas pelos novos meios tecnológicos de informação e comunicação.

O acesso ou não às tecnologias de informação pode influenciar largamente a sua existência dentro do espaço virtual. As tecnologias de informação têm o poder de

⁶ Em tradução portuguesa editada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

⁷ Castells, *A Era da Informação – A Sociedade em Rede*, volume I, p. 1.

⁸ Castells, *op.cit.*, p.15.

⁹ Castells, *op.cit.*, p.1.

¹⁰ Castells, *op.cit.*, p.3

¹¹ Castells, *op.cit.*, p. 3.

conferir existência a um indivíduo ou podem determinar o seu anonimato, mediante a sua exclusão da sociedade de informação.

A sua influência é tal que possuir os conhecimentos e as competências necessárias para dominar as novas tecnologias pode chegar mesmo a ser um factor fundamental para a sobrevivência. Como refere Castells, estar em rede, isto é, ter acesso e competências para utilizar as tecnologias de informação, pode significar um factor crítico de mudança ou domínio dentro do contexto social em que estamos inseridos¹².

§ 3. 11 de Setembro de 2001: o dia em que o terrorismo se tornou uma ameaça global.

Os ataques perpetrados contra as torres do World Trade Center no dia 11 de Setembro de 2001, em Nova York, confrontaram o mundo com uma nova ameaça: o **terrorismo global** conduzido por pequenas organizações capazes de provocarem atentados indiscriminados contra alvos civis. O 11 de Setembro veio também acabar com o mito de invulnerabilidade da principal super-potência dos últimos cinquenta anos, os Estados Unidos da América.

Os atentados às Torres Gémeas não só abalaram profundamente a ideia de segurança no mundo ocidental, como criaram uma cisão profunda entre os valores de liberdade e democracia que o caracterizam, contrapondo-os ao fanatismo e à intolerância religiosa, que ficaram associadas ao mundo islâmico depois do 11 de Setembro. Independentemente de existir ou não um choque de civilizações como é defendido por alguns autores¹³, o terrorismo é um dos principais focos de insegurança e uma das principais ameaças no contexto da Sociedade de Risco Global.

E é precisamente no contexto de uma sociedade com estes contornos que as ameaças veiculadas pelos acontecimentos de 11 de Setembro de 2001, bem como por atentados terroristas posteriores¹⁴, nos revelam não só a extrema vulnerabilidade a que os valores e fundamentos da nossa civilização estão sujeitos, mas introduzem também

¹² Castells, *op.cit.*, p.605.

¹³ Esta é a tese defendida pelo cientista político Samuel P. Huntington que, em 1993, escreveu um artigo para a revista *Foreign Affairs* com o mesmo título – “The Clash of Civilizations” – em reacção à obra de Francis Fukuyama, *The End of History and the Last Man* (1992). A tese de Huntington é que as diferenças religiosas e culturais dos diferentes povos do mundo serão a principal fonte de conflito no século XXI. Huntington ampliou a sua tese numa obra escrita em 1996, *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*.

¹⁴ Nomeadamente, atentados de dimensões mais aparatosas e com um impacto mais significativo como foram os de Madrid em 2004 e os de Londres em 2005.

um novo dado inequívoco no panorama das relações globais que Beck reconhece num artigo que escreveu em 2002, “The Silence of Words and Political Dynamics in the World Risk Society”.

Afirma o nosso autor que

«Com as cenas horríveis de Nova York, os grupos terroristas estabeleceram-se como novos actores globais em competição com estados, economias e sociedades civis»¹⁵.

O sociólogo alemão chega ao ponto de apelidar os grupos terroristas de ONG de violência, verdadeiros monopólios de terror que actuam, à semelhança das verdadeiras ONG, local e globalmente, tendo com isso criado o fenómeno do terrorismo transnacional.

§ 4. Uma “*Verdade Inconveniente*”: Al Gore e a mediatização definitiva das causas da Crise do Ambiente.

A emergência dos movimentos ambientais na década de 1960 começou a trazer lentamente para o espaço mediático a noção de que a nossa civilização atravessa uma crise ambiental sem precedentes.

No entanto, a pouca consensualidade dos veredictos científicos e, principalmente, a resistência que lhe foi exercida por parte dos governos dos grandes países industrializados¹⁶ e dos grandes grupos financeiros multinacionais, que vêem nela um obstáculo ao crescimento económico sem limites, impediram que as questões das alterações climáticas e do aquecimento global constituíssem uma prioridade de topo das agendas políticas, sem o tratamento adequado nos meios de comunicação social.

Este panorama conheceu significativas alterações em anos muito recentes. Os problemas ambientais, e as suas possíveis consequências, são hoje um dos, senão mesmo o, expoentes máximos do que se entende por Sociedade de Risco Global. A evidência científica da intervenção humana na aceleração do fenómeno das alterações climáticas já não permite, sob pena do despertar e do tempo para a acção serem demasiado tardios, mais cepticismos como aconteceu no passado.

¹⁵ «With the horrific scenes from New York, terrorist groups have established themselves as new global actors in competition with states, economies and civil societies in one swoop». Beck, “The Silence of Words and Political Dynamics in the World Risk Society”.

¹⁶ Principalmente por parte dos EUA que continuam a ser, até à data em que escrevemos estas páginas, o único país que não ratificou o Protocolo de Kyoto (1997) sobre a emissão de gases de efeito de estufa.

Segundo o *Fourth Assessment Report* do International Panel for Climate Change (IPCC)¹⁷, publicado em Fevereiro de 2007, existem noventa por cento de certezas do impacte da actividade humana no aquecimento do planeta e os cenários previstos para a sobrevivência de certas espécies estão muito longe de poderem ser considerados optimistas.

Apesar dos constantes alertas do IPCC, foi, no entanto, o ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore, a figura que mais se destacou nos últimos anos na divulgação dos problemas ambientais e da gravidade que os seus efeitos podem ter para o futuro da espécie humana.

Através de um documentário cinematográfico intitulado “*Uma Verdade Inconveniente*” (2006), baseado na sua obra com o mesmo nome¹⁸, e que foi alvo de uma campanha publicitária mediática em todo o mundo, Gore, mercê da sua fama e prestígio, conseguiu elevar os temas das alterações climáticas e do aquecimento global a um patamar que não tinha sido ainda alcançado e o sucesso do documentário teve o mérito de consciencializar a opinião pública mundial para a importância que os problemas ambientais têm no mundo actual.

Como reconhecimento pelo seu trabalho de divulgação dos temas ambientais e da sua relevância na sociedade contemporânea, em 2007, Al Gore, juntamente com o IPCC, foi galardoado com o Prémio Nobel da Paz.

¹⁷ Organismo científico criado em 1988 pela World Meteorological Organization (WMO) e pelo United Nations Environmental Program (UNEP) com o objectivo de avaliar os riscos das alterações climáticas causadas pela intervenção humana.

¹⁸ *An Inconvenient Truth: The Planetary Emergency of Global Warming and What We Can Do About It*, Bloomsbury Publishing, 2006.